



## **OFICINA DE FOTOGRAFIA: Possibilidades de encontro entre Psicologia e Juventude**

### **Área Temática: 2 – Cultura**

Neiva de Assis (Coordenadora da Ação de Extensão)

Neiva de Assis<sup>1</sup>  
Mariana Ramos Portela<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Psicologia; fotografia e educação.

**Resumo:** Este projeto tem como principal justificativa a necessidade de aproximar-se da realidade local. Optou por trabalhar com jovens entre 12 e 16 anos em contextos educativos, ofertando atividade de educação complementar e utilizar a linguagem fotográfica (discurso imagético) como estratégia de construção de olhares sensíveis e críticos a respeito do cotidiano que os cerca. Possibilitar aos jovens participantes espaço de construção de olhares sensíveis e criativos sobre o cotidiano de que participam é o objetivo da proposta da oficina estética mediada pela fotografia. Falamos de estética enquanto dimensão sensível, enquanto modo específico de relação com a realidade, que permita reconhecer a polissemia da vida. O trabalho teve como metodologia a valorização da experiência do ser jovem, as trocas de experiências, o trabalho em grupo. A oficina mediada pela linguagem fotográfica é o principal recurso metodológico presente neste projeto. E seguiu as seguintes etapas: 1) Apresentação e discussão do tema e dos participantes; 2) Exibição de vídeo musical; 3) Análise de imagens fotográficas; 4) Experimentação com o papel cartão de modo a exercitar o olhar e o enquadramento diante de um foco; 5) Produção da imagem fotográfica com equipamento fotográfico. Consideramos que a oficina atingiu seu objetivo, uma vez que participaram quase a totalidade de alunos, houve envolvimento nas atividades propostas e considerando os relatos dos participantes sobre a importância da atividade em sua formação profissional e pessoal. Novos sentidos foram produzidos ao experimentarem a

---

<sup>1</sup> Professora de Psicologia no Instituto Federal Catarinense, Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

<sup>2</sup> Bolsista de extensão, cursando graduação em Tecnologia em Redes de Computadores, no Instituto Federal Catarinense – Câmpus São Francisco do Sul.

fotografia como modo de expressão, de significação, de memória. Contudo, o presente relato de experiência considerou que a Psicologia pode contribuir no contexto da educação, incluindo a linguagem imagética como possibilidade de reflexão sobre experiências cotidianas.

### **Encontros com o Patrimônio Histórico Cultural: contexto da ação**

A relação com a juventude em contextos educativos, foco de experiências profissionais, reflexões e investigações potencializaram a elaboração e execução deste projeto de extensão. Tem como aporte metodológico a teoria histórico-cultural em psicologia, mais especificamente os estudos de Vigotski e do Círculo de Bakhtin, que norteará o olhar, a aproximação com o contexto, o encontro com os sujeitos e a intervenção.

O projeto foi desenvolvido na cidade de São Francisco do Sul. Refiro-me a cidade de pequeno porte localizada no interior de Santa Catarina, em que o processo de desenvolvimento urbano está ligado às atividades relacionadas ao mar e ao porto. São Chico, como é chamada por seus habitantes, é uma cidade reconhecida como patrimônio histórico e artístico nacional, marcada por arquitetura caracterizada por dezenas de casarões centenários, justapostos, coloridos, com imensos janelões e grandes portas. O processo de tombamento do Centro Histórico de São Chico como patrimônio cultural teve início no final da década de 70, inicialmente com tombamento municipal em 1981, e, em 1987, proteção federal pelo IPHAN. Reconhecimento garantido por meio da Constituição Federal de 88, no artigo 216 que define como patrimônio cultural brasileiro os “bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”, as formas de expressão; os modos de criar e fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

A cidade possui uma característica peculiar no que diz respeito ao seu tombamento, pois todo o conjunto arquitetônico foi protegido, todo o Centro Histórico, o conjunto urbano e paisagístico, consiste na região circundada por linha vermelha, e classificados em níveis de proteção a partir da presença da preservação das características originais.

Neste caso, o conjunto paisagístico é o cenário visível, composto pela igreja, praça, rua litorânea, fonte d'água, pelo território caracterizado como paisagem cultural, pelo valor no conjunto visual. Atualmente, apesar de modificações no tecido urbano, a cidade permaneceu delimitada, o traçado urbano foi preservado e a imagem da cidade enquanto conjunto manteve-se muito próxima do que era antes das transformações do início do século XX. O tombamento do Centro Histórico de São Chico ocorre dentro de um movimento contemporâneo de colecionamento, de discurso social de valorização da memória; nunca se colecionou tanto, nunca se arquivou tanto. Conforme Goncalves (2003) os temas memória, patrimônio e museu nunca estiveram tão “inquietos”.

No entanto, convivemos com um paradoxo: ao mesmo tempo em que contemporaneamente desejamos lembrar, organizar e colecionar, vivenciamos a era do descartável, da informação sempre nova. Parece que somos o tempo todo devedores da notícia ou da informação mais recente; que o nosso cotidiano se apresenta conservador, rotineiro, estagnante, prendendo-nos em malhas, dificultando-nos avançar; que estamos sempre desatualizados em relação a produção cultural-científica e aos desenvolvimentos da tecnociência. (Axt, 2008, p. 92)

Portanto, a ideia de patrimônio pode ser vista não apenas como a seleção de edificações, sítios e obras de arte que passam a ter proteção especial do Estado; mas como produção, “narrativa”, como “formação discursiva”, a partir de Michel Foucault, que permite “mapear” conteúdos simbólicos, e constituir uma “identidade cultural brasileira”. (Fonseca, 2003, p. 64).

A concepção de Patrimônio Histórico e Artístico atrelada ao tombamento, a bens e propriedades, voltada para monumentos e visando a conservação de sua integridade física; vem sendo questionada em função do detrimento do patrimônio imaterial ou intangível (Fonseca, 2003; Gonçalves, 2003).

Evidente que as políticas de patrimônio centradas no instituto de tombamento contribuíram para preservar edificações e obras de arte. Mas essa visão preservacionista de patrimônio, voltada para o tombamento dos chamados bens arquitetônicos associou a ideia de conservação, de cristalização da própria história, contraditoriamente, portanto a ideia de movimento, de transformação e, centrando a atenção mais no objeto e menos nos sentidos produzidos ao longo do tempo.

Nessa direção é que recentemente foi criado o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza imaterial, por meio do Decreto 3.551 de 4 de agosto 2000<sup>3</sup>. A denominação de patrimônio imaterial ou intangível remete a uma concepção de patrimônio que abrangeria os aspectos da vida social e cultural que por vezes não se materializam em produtos duráveis, remete ao transitório, fugaz, frequentemente excluídos pelas concepções mais tradicionais de patrimônio.

### **Jovens e a fotografia: detalhamento das atividades**

Foi sob a noção de patrimônio não centrada em objetos, monumentos, e sim na relação da sociedade com sua cultura, que enfatiza as relações simbólicas apoiadas nos objetos e em técnicas, que esta proposta proponho-me a investigar relações entretecidas entre a cidade São Chico e seus jovens moradores.

Ao transitar pela cidade, observamos que as pessoas que por ali circulavam eram turistas, comentavam sobre os passeios de barco, sobre as caminhadas nas ruelas do centro histórico. Chamava a atenção o silêncio na cidade histórica, a ausência de moradores circulando. Questionamos se haveria algum incentivo público para não frequentar o Centro Histórico, talvez restrições com o intuito de proteger, evitar danificações ao espaço protegido, que justificasse a ausência de circulação de pessoas por ali. Em contato com o escritório do IPHAN em São Francisco do Sul obtive a informação de que não há um incentivo para que os serviços e comércios se retirem do Centro Histórico, ao contrário, há um interesse (o

---

<sup>3</sup> Este decreto remonta os anos trinta em que o poeta modernista Mario de Andrade e Aloisio Magalhaes reivindicavam o registro dos aspectos imateriais do patrimônio cultural brasileiro (Santánna, 2003).

que não significa presença de política pública) para que o Centro Histórico tenha vida, circulação de pessoas.

Então muitas outras perguntas emergem: Por onde andam as pessoas? Os mais de 40 mil habitantes? Haveria outros lugares de encontro, outros circuitos construídos pelas pessoas na vivência da cidade? E os jovens? Por onde circulam? Que percursos constroem na/com a cidade? Que cidades experimentam cotidianamente que não somente a homogênea cidade histórica? Estas entre outras questões atravessam o objetivo deste projeto de extensão que pretendia possibilitar espaço de construção de olhares sensíveis e criativos sobre o cotidiano. Participaram do projeto, aproximadamente 30 jovens vinculados ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC, criado em 2011 pelo Governo Federal com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica. (MEC, 2011). Estes jovens participavam do curso técnico profissionalizante em turismo e eventos, tinham idades entre 15 e 19 anos e eram oriundos de escolas públicas de educação básica de diversas regiões da cidade. Estes jovens deslocam-se de todos os bairros para frequentar o curso e para isso recebem benefício de transporte do programa. Interessante destacar que alguns deles moram na parte continental da cidade, no bairro Vila da Glória, realizam o trajeto de lancha e de certa forma, vivem mais isolados do centro da cidade.

A proposta desenvolvida foi a realização de uma oficina de fotografia que provocou olhares e conversas sobre o circular pela cidade histórica. A oficina de fotografia com estes jovens foi organizada em uma tarde no mês de novembro de 2012 em três momentos: primeiramente, no espaço físico da sala de aula da organização educativa, imagens fotográficas foram exibidas no projetor e analisadas durante o diálogo sobre as possibilidades da fotografia e suas características (luminosidade, enquadramento, foco). Num segundo momento, convidei os jovens para uma caminhada na cidade, pois pretendia provocar o encontro destes jovens com o Centro Histórico. Inicialmente realizamos uma experimentação com o papel cartão de modo a exercitar o olhar e o enquadramento diante de um foco. Por último, em um terceiro momento propus o exercício do ato fotográfico; os jovens foram convidados a produzirem imagens do Centro Histórico com equipamento fotográfico.

Houve pouco preparo com o equipamento fotográfico, tampouco foi oferecida aos jovens uma orientação mais detalhada sobre o ato de fotografar. Apenas foi solicitado previamente que os jovens trouxessem equipamentos fotográficos próprios ou celulares com dispositivos fotográficos. Em virtude das características da atividade proposta, as fotos produzidas não trouxeram preocupação técnica ou intenções artísticas, tampouco ocupamo-nos da qualidade da imagem fotográfica. A preocupação nesse momento foi provocar diálogos entre os jovens e a cidade por meio da imagem fotográfica. No último momento da tarde, escolheram uma imagem e escreveram uma narrativa.

### **Produzindo sentidos no encontro: análise e discussão**

A oficina foi desenvolvida com o intuito de compreender a produção de sentidos que se processa na relação dos jovens com a cidade histórica. O projeto contribuiu para chamar a atenção para as invisibilidades presentes ao circular no

Centro Histórico, ausência de apropriação, de reconhecimento da história presente na cidade em que residem.

Com isso, a intervenção possibilitou que os jovens repensassem a relação com a cidade, com o patrimônio histórico, como alguns relataram: “Os moradores de São Francisco não dão muita bola para essa paisagem [...] Para nós que moramos, na maioria das vezes não damos valor, [...] nunca paramos para notar bem e visualizar a vista e detalhes”. (Fernanda).

Com a oficina os jovens observaram a arquitetura, conversaram com moradores das casas e ouviram suas histórias: “Esquecemos que as casas no centro histórico que são vistas como simples paisagens, cada uma delas guarda uma história diferente, dentro desses lugares passaram pessoas que deixaram sua marca, mas que na maioria das vezes caem no esquecimento e se perdem no passado”. (Jean)

Jean aproximou-se de uma antiga moradora, e se envolveu a tal ponto com a contação de histórias de Arilda que pretende auxiliá-la na construção de um livro sobre aquela casa. O que me chamou a atenção de Jean foi a história de uma idosa proprietária da casa, que nasceu e cresceu na casa em que seus pais viveram e onde ela vive até hoje, estudou na Escola Estela Matutina, antiga escola de freiras onde é localizada hoje a Escola Francisquense. Sobre a mesma casa, Isabela comentou:

Eu tirei esta foto porque foi o lugar que mais me chamou a atenção. [...]. Foi quando eu avistei a casa da foto e me encantei quando olhei dentro do portão dela. A impressão que eu tive é de que aquela cena era de um filme antigo. O modelo da casa é muito interessante, mostra o lado mais histórico da cidade. As janelas e portas com modelo bem antigo, mas tudo bem conservado. Eu raramente passava pelo lugar em que tirei a foto, por isso nunca tinha percebido aquela imagem bonita. A partir do momento em que vi aquele lugar eu mudei um pouco meu jeito de pensar em relação com a cidade. São Francisco do Sul é mais do que uma cidade, é um lugar incrível e tem que ser valorizado. (Isabela)

### **(Re)conhecendo a cidade: considerações finais**

Os jovens com quem conversei, relataram que não costumam caminhar, circular pelo Centro Histórico. Alguns deles moram em bairros distantes, afastados das áreas centrais e para eles, o Centro Histórico, os bens patrimoniais e culturais da cidade, são de certo modo desconhecidos ou pouco conhecidos. Por vezes, o discurso dos jovens foi de que o Centro Histórico é “só velharia”, “não sei o que os turistas vêm tanto visitar isso aqui”.

Acostumados a não perceber a história presente no espaço urbano e nas edificações, a arquitetura histórica se resumia a algo velho, quebrado ou antigo. Mas com a mediação da fotografia e da visita ao Centro Histórico, foi possível intervir no modo destes jovens verem, ouvirem, pensarem e sentirem a cidade em que residem, a partir do compartilhamento de modos de ver, ouvir, pensar, sentir a cidade. Além disso, contribuiu para compreender a importância de novas intervenções que articulem psicologia, fotografia e patrimônio histórico cultural. Fundamental ainda, abrir mão da admiração pela paisagem estabelecida e encontrar novamente os jovens em contextos em que eles possam apresentar outras cidades

de São Chico que coexistem com o Patrimônio Histórico Cultural.

## Referências

Axt. Margarete Axt. Do pressuposto dialógico na pesquisa: o lugar da multiplicidade na formação docente em rede. *Informática na Educação: teoria e prática*. Porto Alegre, v. 11(1) 2008.

Constituição da República Federativa do Brasil – (1988) Brasília. Recuperado em 02 de junho de 2013 [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

Decreto 3.551 de 4 de agosto 2000. Programa Nacional de Patrimônio Imaterial que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e da outras providências.

Fonseca, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. IN: Abreu, Regina & Chagas, Mário (orgs). *Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Gonçalves, José Reginaldo Santos. A narrativa leitura do texto. IN: Abreu, Regina & Chagas, Mário (orgs). *Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MEC – Ministério de Educação e Cultura, Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC. Disponível em <http://pronatec.mec.gov.br>. Acesso em 25 de fev. de 2012.

Santánnia. Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. IN: Abreu, Regina & Chagas, Mário (orgs). *Memória e Patrimônio – ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.